

A PRESENÇA FEMININA ENTRE OS BATISTAS NA REGIÃO SUL BAIANA DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

THE FEMALE PRESENCE AMONG THE BAPTISTS IN THE SOUTHERN REGION OF BAHIA DURING THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY

Janete Ruiz de Macêdo¹

RESUMO: Estudo sobre a atuação das mulheres batistas da região sul baiana. O tema propõe olhar a denominação Batista a partir da visão de gênero, colocando em foco de forma específica as Igrejas Batistas do Sul da Bahia, contribuindo também para uma leitura menos deficiente da participação da mulher na construção social sul baiana. Trata de analisar a trajetória das mulheres batistas do Sul da Bahia, levando em consideração o contexto social, os espaços ocupados e suas potencialidades de influência direta e indireta. Busca identificar

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1975) e em, Pedagogia com habilitação em Supervisão Escolar pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1981), Especialização em História Moderna pela PUC/ Minas Gerais(1984) e doutorado em História - Universidad de Leon (2000). Atualmente é professora Titular Pleno da Universidade Estadual de Santa Cruz Tem experiência na área de História, com ênfase em História Regional, e História e Religiosidade, atuando principalmente nos seguintes temas: preservação, patrimônio, cidade, memória , arquivo - fontes - controle social, festas. E-mail: janetermacedo@yahoo.com.br

as brechas de poder exploradas. A pesquisa tem como fonte principal o periódico mensal *A Voz do Sul* que circulou na região por quase vinte anos e que por vários anos foi editado e gerenciado por três mulheres que deram espaço e visibilidade as reivindicações e ações femininas.

PALAVRAS CHAVE: Batistas; Sul da Bahia; Mulheres; Poder.

ABSTRACT: Study on the performance of Baptist women in the south region of Bahia. The theme proposes to look at the Baptist denomination from the gender perspective, focusing specifically on the Baptist Churches of Southern Bahia, also contributing to a less deficient reading of women's participation in the social construction of Southern Bahia. It aims to analyze the trajectory of Baptist women in southern Bahia, considering the social context, women's social participation and their potential for direct and indirect influence. It seeks to identify the breaches the social power structure which those women exploited. The main source of the research is the monthly journal *A Voz do Sul* that circulated in the region for almost twenty years, and which for several years was edited and managed by three women who gave space and visibility to the claims and actions of women.

KEYWORDS: Baptists; Southern Bahia; Women; Power.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

úmeras e até profundas transformações se processam no nosso mundo pós-moderno aprofundando discussões antigas e abrindo novos campos de pesquisa. Assim a partir do paradigma da diferença, se busca reconhecer e dar voz a atores sociais silenciados ao longo do transcorrer da história. Assim surgem novos campos temáticos. Como diz Lucien Febvre (1989), a "História é filha do seu tempo", significando que a produção historiográfica se coaduna com a época que a produz.

Segundo Lipovestsky (2005, p. 70), "vivemos em um mundo que vai se desfazendo na medida em que o sujeito moderno percebe que o enfraquecimento da sua confiança na razão, que não significa que a razão retrocedeu, não o identificou com o nada" e na sua fragilidade ele está sendo levado na direção da busca infinita de satisfações de desejos, incentivada pelo consumo de massa e pelos meios de comunicação, ou na transcendência, na busca além de si.

Nesse contexto, a temática História e Religião tem se apresentado como um campo promissor. Propõe desvendar as crenças e suas expressões, as formas de crer e seus protagonistas ao longo do tempo. As relações entre religião e sociedade têm sido abordadas por vários teóricos, que partindo dos estudos de Max Weber têm buscado estabelecer os vínculos entre a religiosidade e a posição de classe, examinando diferentes grupos religiosos. Aprofundando o recorte, chegamos às relações de poder envolvendo religião e gênero, que tem sido um tema envolvente, principalmente no que tange aos espaços e papéis destinados aos sujeitos masculinos e femininos dentro da estrutura sócio-religiosa da civilização judaico-cristã.

Para Ebner (2012), nos primórdios do cristianismo, nas comunidades paulinas² os direitos de participação na *ekklesia*

² Segundo a teologia cristã fundamental, enunciada pelo Apóstolo Paulo,

de Deus não estavam restritos aos cidadãos plenos, mas também eram exercidos pelas mulheres e pelos escravos, entretanto, na medida em que a visão de *ekklesia* passa a se identificar como *oikos* (casa), surge então a figura do ecônomo de Deus, transmutada em *pater familia* e "as mulheres que nas comunidades paulinas tinham igualdades de direitos são remetidas com veemência da vida pública da comunidade à casa particular, sob a proteção de um senhor da casa, com o dever de se dedicarem à oração" (EBNER, 2012, p. 35). Essa visão se perpetuará ao longo da história através de diversos discursos em que se exige da mulher atitudes que deveriam corresponder ao que se imagina ter sido a vida da Mãe de Jesus, a Virgem Maria: dona de casa, doméstica, pura, casta, submissa, e calada.

No início dos tempos modernos, a Reforma Protestante, ao afirmar o princípio do sacerdócio universal, abriu uma brecha, um espaço para uma leitura mais igualitária, na qual não existe diferenciação de gênero perante Deus, entretanto esse princípio não se converteu numa mudança substancial na antropologia patriarcal, dado que as interpretações dos seus principais protagonistas na verdade a referendam.

Lutero desenvolve a teoria da igualdade original de Eva e Adão que termina em se transformar na revalidação do discurso da pecaminosidade feminina, aquela que fez por merecer o castigo da subjugação. Calvino, por sua vez, não discute a premissa da hierarquização de gênero, apenas o justifica desenvolvendo a ideia de que o homem domina não porque ele seja superior, mas por que Deus lhe ordena que o faça. A mulher obedece não por que seja inferior, mas por que este é o papel que Deus lhe atribuiu.

“Não há mais homem e mulher; todos vós sois um em Cristo Jesus” (Carta do Apóstolo Paulo aos Gálatas, capítulo 3, versículo 28 – Gl 3,28). Este enunciado de Paulo, considerado pelo cristianismo como inspirado, significa que no Cristianismo se transcende à questão dos sexos, e num sentido teológico puro (teórico) homem e mulher são absolutamente iguais, podendo, em princípio, exercer qualquer função dentro da Igreja cristã.

Estabelece-se então um conflito entre o princípio teológico do sacerdócio universal e o exercício hermenêutico tradicional dos reformadores, que não conseguem desvencilharem-se da leitura oficial dos Pais da Igreja. O pensamento calvinista da estrutura social humana estabelecida por Deus é muito bem explicada e defendida na teologia contemporânea por Karl Barth, conforme apresentado por Ruether.

Para Barth, essa ordem estabelecida e criada do homem sobre a mulher reflete o pacto da criação. Como criador, Deus é soberano sobre sua criação. O pacto da natureza não foi anulado, mas restabelecido no pacto da graça, pelo qual Cristo, como cabeça, governa seu povo como servo obediente. Por conseguinte, o homem e a mulher estão ordenados necessariamente numa relação entre aqueles que lideram e aquelas que seguem. Ambos deveriam aceitar seu próprio lugar nessa ordem, ele com humildade e ela com boa vontade. Com isso, o homem não é exaltado nem a mulher rebaixada; antes, os dois só ocupam seu próprio lugar no esquema de coisas decretado por Deus, aceitando essa ordem apropriada (RUETHER, 1993, p. 98).

No discurso da Denominação Batista, homem e mulher são colocados em pé de igualdade diante de Deus, no entanto a estrutura social estabelecida ao longo de séculos mantém muitas barreiras no exercício deste discurso. A situação feminina no século XIX e início do século XX era de extrema submissão, sendo as mulheres desprovidas de qualquer direito ou autonomia. A educação das mulheres estava restrita a conhecimentos úteis dentro do ambiente doméstico, nenhum crédito era conferido ao potencial feminino, até por que isso não fazia parte do processo cultural da época. Entretanto, mesmo submetidas, as mulheres encontram invariavelmente refúgio e visibilidade nas Igrejas em detrimento em contraste com o que ocorre na sociedade externa que as marginaliza.

Michelle Perrot (2005, p. 270) afirma que "os vínculos entre mulheres e religião são antigos, poderosos e ambivalentes, uma relação que mesclava sujeição e liberação, opressão e poder de maneira quase indissolúvel", dessa forma, é nesse ambiente, apesar de ainda encontrarem fortes barreiras, que as mulheres descobrem maneiras de ter voz e exercer influência e poder.

No seio da Igreja Católica as mulheres não tendo espaço dentro da hierarquia eclesiástica, é-lhes possível ocupar posições subalternas: pode ajudar ao padre a distribuir a comunhão, ser catequista, ser secretária da igreja, promover festividades, limpar e enfeitar as igrejas e, em alguns casos, chegam a dirigir grupos para-eclesiásticos

A presença da mulher na estrutura funcional das igrejas evangélicas é muito diversificada. Na igreja luterana, a mulher do pastor geralmente assume uma função de liderança na comunidade. Auxilia seu marido na pastoral. Hoje em dia, inclusive, há pastoras e diaconisas. Nas igrejas presbiterianas, fiéis a Calvino, a mulher não participa da administração suprema da igreja. Isto está reservado ao conselho de presbíteros, composto exclusivamente por homens. Quanto o espaço ocupado pelas mulheres no seio da denominação Batista muito ainda temos que estudar e analisar.

Ao estudar as mulheres batistas da região sul baiana se pode identificar e refletir sobre as brechas de poder exploradas por elas na sociedade patriarcal e coronelista sul baiana, sabendo que estas mulheres foram influentes na expansão do evangelho nessas paragens. A ampliação do conhecimento sobre o tema está propondo uma nova ótica histórica da religião evangélica a partir da visão de gênero, colocando em foco de forma específica as Igrejas Batistas do Sul da Bahia, contribuindo também para uma leitura menos deficiente da participação da mulher na construção social desta região. Analiso a trajetória das mulheres batistas do Sul da Bahia, levando em

consideração o contexto social, os espaços ocupados e suas potencialidades de influência direta e indireta.

Os caminhos trilhados para viabilizar a proposta desse estudo estão centrados em documentação hemerográfica inédita. Trata-se do periódico mensal *A Voz do Sul* que circulou na região por quase vinte anos. Editado por uma mulher, Edith Bittencourt, proporcionou voz para outras tantas mulheres e não deixou de publicar as ações femininas no mundo batista sul baiano. "As Bittencourt", (Edith, sua irmã Guiomar e sua tia Cecília), algumas vezes tratadas como a "trindade evangélica", são as protagonistas, porém algumas outras matérias sobre mulheres ou para as mulheres publicadas no jornal *A Voz do Sul* foram incorporadas.

2 RELIGIÃO, MULHER E PODER

Conforme Michelle Perrot (2007), a relação das mulheres com a religião é paradoxal, uma vez que as religiões representam, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres. Exerce “poder sobre as mulheres”, por ter na diferença entre os sexos um de seus fundamentos, como é comum entre as grandes religiões monoteístas. No entanto, a religião torna-se “poder das mulheres”, quando estas conseguem transformar a posição de submissão que a religião lhes reserva, na base de um “contra-poder” e de uma “sociabilidade”. Dessa maneira, a religião ainda que reforce a submissão das mulheres, apresenta-se como um abrigo às suas misérias (PERROT, 2007, p. 83).

Entende-se, portanto, que as mulheres encontram refúgio na religião; além de acalento às suas dores e fraquezas, elas podem buscar conhecimento e exercer práticas de liderança, mesmo que mínimas.

A questão de gênero toca as noções individuais de masculinidade e feminilidade, o que é ser masculino ou feminino,

como educar e ser educado como menina ou como menino e chegar à idade adulta com uma identidade produzida pela cultura e pela sociedade, impregnada de atributos, privilégios e limitações, baseando-se no que é biológico. Os processos sociais e individuais de aquisição de identidade de gênero são importantes pontos de partida para se enfrentar a ideia corrente de que mulheres e homens são naturalmente talhados para certas tarefas e que a biologia é quem melhor define quem deve fazer o quê.

Para Joan Scott (1987), a análise das relações de gênero também implica a análise das relações de poder; e neste sentido, ressalta que essa relação permite a apreensão de duas dimensões, a saber: “o gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos e o gênero como forma básica de representar relações de poder em que as representações dominantes são apresentadas como naturais e inquestionáveis” (SCOTT, 1990, p. 106).

Os papéis de gênero são aprendidos e diferem-se de uma sociedade para outra, de um lugar para outro, e variam de acordo com a época. Fatores passageiros como a moda, e tão complexos como as relações desiguais de poder determinam as particularidades dos atributos de gênero numa dada cultura.

Desta forma, a religião cristã tem a sua forma particular de compreender e estabelecer as relações de gênero. Através do discurso patriarcal, o cristianismo manteve por muitas décadas a dominação masculina e a submissão total da mulher, como é descrito de forma clara e objetiva por Bianca Seixas em sua dissertação de mestrado, quando coloca que, na História do Cristianismo, a submissão da mulher é tanto reflexo de sua natureza inferior, quanto punição por sua responsabilidade pelo pecado. Esse padrão da Antropologia patriarcal pode ser ilustrado em toda a linha da teologia cristã clássica, desde os tempos antigos até os modernos (ALMEIDA, 2006).

Mais especificamente no âmbito Batista, observa-se muitas características da herança do cristianismo ortodoxo. Em sua tese de doutorado, Elizete da Silva, relata uma espécie de práxis do cotidiano dessas mulheres, no que diz respeito à mobilidade política eclesiástica nas congregações Batistas até a década de 30. Segundo ela, as mulheres podiam ser eficientes e capacitadas missionárias; no entanto, lhes são vetada a ordenação, a ministração da ceia e o batismo, considerados, pelos batistas, como ordenanças do Novo Testamento. Podiam até pregar e ensinar a Bíblia, mas não do púlpito: a tribuna sagrada era privativa do sexo masculino (SILVA, 1998).

Entretanto, esses limites não foram assim tão rígidos, é o que têm demonstrado as pesquisas, mais verticalizadas, realizadas na documentação batista sul baiana e apresentada na exposição *A presença Batista no Sul da Bahia (1898-1940)*³ e, mais recentemente, na obra *Os Batistas em Ilhéus*⁴.

3 AS MULHERES BATISTAS DO SUL DA BAHIA

As narrativas sobre as mulheres bíblicas estão carregadas de referenciais que evidenciam a presença do discurso religioso nas formas de constituição das mulheres enquanto detentoras de um tipo de identidade na qual desempenham o papel pedagógico de mãe e professora, entretanto as posições das mulheres no processo histórico não foram sempre passivas, como faz parecer uma história em que as vozes das mulheres pouco aparecem. As formas de resistência são inúmeras e às vezes ocultam-se sob uma aparente passividade.

³ MACEDO, Janete Ruiz de. *A presença Batista no Sul da Bahia (1898-1940)*. Exposição na 92ª Assembleia da Convenção Batista Baiana. Itabuna, 2014.

⁴ MACEDO, Janete Ruiz de. *Os Batistas em Ilhéus*. Ibicaraí: Via Litterarum, 2018.

Foucault comenta em seus textos os significados de poder e saber. Esse poder que circula entre as esferas do saber foi utilizado pelas mulheres ao longo da história, foi quebrado por essas mulheres em busca de significados, impulsionadas muitas vezes por uma fé inabalável. Viram e nomearam a realidade de formas diferentes. Lidaram com diversos campos de poder. Aproveitaram brechas, ocuparam lacunas. Inventaram jeitos de ser, mesmo estando inseridas na clandestinidade de uma cultura patriarcal.

3.1 Cecília Bittencourt

Uma jovem nascida no seio de uma família abastada de Vargem Grande⁵ foi alcançada pela pregação do Pastor Salomão Ginsburg, e em 1910 quando seu irmão, o Coronel José Felix Bittencourt, decide se mudar para Ilhéus com sua família, resolve acompanhá-lo apesar de seus pais e outros familiares permanecerem em Vargem Grande. Através dessa jovem, Cecília Bittencourt, a pregação Batista chega a Ilhéus, mais precisamente no arraial do Pontal.

A situação do trabalho batista na região sul baiana é retratada dessa forma por Ginsburg ao apresentar o novo plano de organização do trabalho batista, em 1909 demonstra a precariedade e a ausência da presença batista no Sul do Estado: "Canavieiras no litoral com três Igrejas sem diretor por falta de obreiros e sustento" (MESQUITA,1962, p.162) ⁶. Cecília Bittencourt que evangelizava sua família e buscava incessante

⁵ Vargem Grande, arraial localizado a nordeste de Santo Antonio de Jesus, assume a categoria de município em 1989 com a denominação Varzedo.

⁶ Nesse mesmo documento se registra: a capital com seis igrejas, Santo Antonio de Jesus com sete igrejas e grande número de pontos de pregação, Santa Inês com quatro igrejas e trinta pontos de pregação, Alagoinhas com três igrejas e para todos esses distritos foi indicado um diretor, ou articulador.

espalhar a Palavra no Pontal de Ilhéus; se congregou com um grupo de presbiterianos até encontrar um casal batista, e junto com eles iniciar um trabalho genuinamente batista.

Seus sobrinhos Deolindo, Edith, Guiomar e Alice foram através de sua influência enviados para realizar seus estudos no Colégio Batista do Sul no Rio de Janeiro, enquanto ela continuava a pregar e ensinar no Pontal de Ilhéus. Por ser irmã de um Coronel, a sua tarefa pode ter sido facilitada, vista talvez, como uma excentricidade de moça rica. Ciente o seu espaço social, Cecília busca ocupar essa brecha e torna constantes os convites para encontros no casarão dos Bittencourt, transformando-os em oportunidades de evangelização. Investia também recursos financeiros⁷ na obra, mantendo uma ativa Escola Bíblica, e incentivava seu irmão a fazer o mesmo. O Coronel José Felix Bittencourt, que apesar de não ter sido membro de uma Igreja Batista, em inúmeras ocasiões disponibilizou recursos para o sustento de projetos batistas. Cinco anos depois da chegada de Cecília, a Ilhéus, uma nota publicada em *O Jornal Batista*, onde se registra a visita do seminarista Isaiás de Carvalho, diz: "D. Cecília Bittencourt crente de contrapeso e medida que não poupa esforços pela causa do Mestre, havia convidado bom número de pessoas e famílias de importância a ouvirem o som do Evangelho"⁸.

Incessante no seu trabalho de evangelizadora, Cecília Bittencourt não esmorece perante o assédio dos adventistas no Pontal e do avivamento dos brios católicos com a instalação do bispado em Ilhéus. A oficialização do seu trabalho aparece assim registrada no *OJB*, em nota assinada pelo pastor João Isidro de Miranda: "Pontal, neste lugar...preguei diversas vezes a bom auditório. Organizamos um trabalho [...]"⁹. Nos dois anos seguintes,

⁷ Em 1913 *O Jornal Batista* registra que Cecília Bittencourt adquiriu as literaturas destinadas para Escola Bíblica. *OJB*, nº40,03/out/1913.

⁸ *OJB*, nº12,25/mar/1915

⁹ *OJB*, nº 26,8/jul/1915

a agora *Congregação do Pontal de Ilhéus* esteve quase que exclusivamente sob os cuidados de Cecília Bittencourt. Durante esse período, apenas dois eventos de apoio ao seu trabalho: a visita do pastor João Isidro de Miranda em setembro de 1915, quando realiza batismos e passagem do seminarista Isaias Correa de Carvalho no final do ano que prega em algumas noites enquanto aguarda o navio que o levaria a Canavieiras. No ano seguinte o quadro quase se repete, mas no restante do ano é Cecília quem continua a evangelizar e conduzir os trabalhos na Congregação, discipulando e ensinando e seu incessante trabalho possibilitou que em 18 de fevereiro de 1917 fosse organizada a *Igreja Evangélica Batista do Pontal de Ilhéus*¹⁰ e um pastor fosse convidado para dirigir a novel igreja.

No início dos anos vinte do século passado os Batistas, em especial os pernambucanos e baianos, sofreram grandemente com o Movimento Radical¹¹. A Bahia Batista terminou dividida em vários agrupamentos que passaram a atuar de forma independente e competitiva. No Sul da Bahia, onde até então a presença batista se configurava rarefeita dentro de tão vasto território, suas igrejas se organizaram como *Convenção Distrital das Igrejas do Sul do Estado da Bahia* e fundaram um periódico para ser porta voz do movimento. Três mulheres se destacarão nessa empreitada: Cecília, Edith e Guiomar Bittencourt, se destacaram nessa empreitada. Essas três mulheres que por seu ativismo conjunto nas lides da evangelização Batista na região, nas duas primeiras décadas dos anos vinte no século passado foram denominadas de "trindade evangélica".

¹⁰ Igreja-mãe da atual Primeira Igreja Batista de Ilhéus

¹¹ A historiadora Marli Geralda Teixeira caracteriza muito bem, na sua dissertação de Mestrado, o movimento gerado pelo confronto de posições e ideais entre os pastores nacionais e os missionários americanos, vide capítulo 5, p.262m

Na composição da primeira diretoria da *Convenção Distrital das Igrejas do Sul do Estado da Bahia*, os cargos de secretária e tesoureira foram ocupados por Edith e Cecília respectivamente. Juntamente com Guiomar Bittencourt, foram, invariavelmente, indicadas para representar a Igreja Batista do Pontal de Ilhéus nas Assembleias da *Convenção Batista Sul Baiana*¹² - CBSB e conseqüentemente tinham direito a voz e voto nas decisões deliberativas que pautavam os destinos do trabalho batista na região¹³. Outras tantas mulheres batistas membros das igrejas associadas à CBSB também participaram dessa instância de poder. É interessante ressaltar que nos primeiros anos de vida da *Convenção Batista Sul Baiana* as mulheres indicadas para representarem suas igrejas eram jovens solteiras¹⁴, mas mais tarde essa configuração se altera para uma predominância de mulheres casadas.

3.2 Edith Bittencourt

Sobrinha de Cecília Bittencourt, jovem solteira e recém-saída do colégio¹⁵ Edith protagonizará e possibilitará a marcante presença feminina na região Sul da Bahia. Convocada pelo Pastor José Lúcio Pereira para juntos fundarem um jornal que teria como objetivo principal agregar as igrejas sul baianas no esforço de evangelizar a região, dando suporte à *Convenção Batista Sul Baiana*.

¹² Antiga Convenção Distrital das Igrejas do Sul do Estado da Bahia.

¹³ Em 1922 Cecília Bittencourt esteve presente na Convenção Batista Brasileira, que se realizou sob os auspícios da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, representando a sua Igreja.

¹⁴ Na 3ª Assembleia da Convenção Batista Sul Baiana das dez mulheres indicadas para representarem suas Igrejas, sete são jovens solteiras.

¹⁵ Edith Bittencourt cursou a Escola Normal em Salvador entre 1915 e 1918 e nos anos de 1919 a 1922 frequentou o Colégio Batista do Rio de Janeiro.

Edith: tenho a ideia de fundarmos um jornalzinho de publicação mensal para servir de porta voz das Igrejas que dirijo. Para isso, já vê, necessito imprescindivelmente da sua valiosa e comprovada cooperação intelectual. Desde já poderá ir pensando o nome que devera ter o jornal. É com prazer que coloco esta tarefa da escolha do nome nas suas mãos e bem assim de D. Guiomar e D. Cecília.¹⁶

Edith abraçou com entusiasmo o projeto. Através das páginas do jornal "*A Voz do Sul*" Edith Bittencourt, na qualidade de redatora, abriu espaço e deu voz a inúmeras mulheres provenientes de várias regiões brasileiras. Nos quase quatro anos que exerceu essa tarefa, vinte e oito mulheres publicaram seus artigos de forma pontual¹⁷ ou sistemática, a exemplo da professora Antonieta Guimarães Lima¹⁸. Edith como redatora, era responsável pela escrita de quase todos os editoriais e ainda, anonimamente, sob os pseudônimos Thabita Iradina e H. Tide produzia outras matérias.

Temas cruciais para mulheres no início do século passado foram abordados de forma clara, a exemplo do voto feminino¹⁹, que foi defendido, contestando o jornal *O Correio de Ilhéus* que publicou sob a manchete "Santo Deus!

¹⁶ Fragmento da carta de autoria do Pr. Lúcio convidando Edith Bittencourt para fundar um jornal, vinda a público no editorial de Edith quando se despedia do Campo Sul Baiano para fixar residência em Salvador. A VOZ do SUL, abril de 1926.

¹⁷ Dentre suas colaboradoras pode-se arrolar: Julieta Guimarães Maia, Lydia Dulcere, Else Nascimento Machado, Anysia Dulcer, Maria Amália Moreira, Amélia Coutinho Neves entre outras. E é claro a colaboração de sua tia Cecília Bittencourt e suas irmãs Guiomar e Alice Bittencourt.

¹⁸ Antonieta Guimarães Lima foi privilegiada com 20 publicações entre artigos e poesias.

¹⁹ Fez publicar no jornal o acompanhamento do projeto lei que concedia o direito de voto as mulheres. A VOZ do SUL, "Mulher no Brasil"jun/1925, p.3.

As Mulheres querem votar..." sua estranheza à "descabida pretensão do exercício do voto pelas mulheres". Constantemente também se publicava notícias de âmbito nacional e internacional²⁰ quanto à nomeação de mulheres em cargos prioritariamente ocupados por homens e concitava as mulheres a assumirem um novo perfil,

[...] a preocupação de beleza e o sonho de casamento não devem mais constituir o ideal único ou a preocupação absorvente da mulher desse século. A época é de transição. Essas modas vindas após a Grande Guerra: *as melindrosas*, *o bata-clan*, etc. são nuvens de futilidades passageiras.²¹

Questionavam os casamentos arranjados por interesses financeiros e familiares, tão comuns na região cacauieira, conforme estudo apresentado por Andre Luiz Rosa Ribeiro em sua obra *Família, poder e mito: o município de São Jorge dos Ilhéus (1880-1912)*

Si ella se casa por mero interesse de fortuna, commette um grave peccado contra a Religião, mentindo a Deus quando jura amor eterno ao companheiro, seu esposo, que ella não ama. Pécca perante a Família, porque não terá poder para constituir um lar feliz e educar os filhos no amor e no temor a Deus. Pécca ainda, contra a Sociedade, porque, pela sua leviandade dela, pelo seu condenável egoísmo, ella, irá lançar no meio da Sociedade dois infelizes quando não sejam dois criminosos.²²

²⁰ "Mulher triunfando", "Outra vitória", "Triunpho para o feminismo", "Mulher se impondo", "Os triumphos da mulher", são alguns exemplos de matérias publicadas pelo o jornal *A Voz do Sul* entre 1923 à 1927.

²¹ A VOZ DO SUL, 15/06/1924. Fragmento do artigo publicado na Secção das Senhoras com o titulo "As moças e seu futuro" p. 2.

²² A VOZ DO SUL, 15/10/1926. Fragmento do artigo publicado na Secção

Defendiam o direito e a necessidade de educação para as mulheres, "todo chefe de família honesto e sensato deve procurar educar suas filhas dotando-as de uma profissão útil capaz de assegurar-lhes a subsistência"²³. O discurso cristão ia além do entendimento já consagrado no início do século XX que defendia a educação feminina, visto serem as mulheres as grandes responsáveis pela formação dos cidadãos. Nele, as mães se encarregavam de educar os filhos da nação e os filhos de Deus. Para além desse posicionamento, as redatoras do jornal *A Voz do Sul* incentivavam as educadoras a direcionar as jovens para novas diretrizes, evitando que desde a puberdade fossem tomadas por comportamentos que apenas valorizassem o seu corpo e cultivassem a vaidade; defendiam que as jovens não permitissem serem tratadas como objetos de troca ou troféus nas vitrines familiares.

É necessário uma reação da parte das professoras contra essa prática moralmente nociva, já que muitas mães, criminosamente ou inconscientes, não sabem o que perdem as filhas com o colorido do artifício e com vestes impróprias para idade e da candura de sentimentos. É dever da educadora guiar as alunas, não só nos estudos, mas nas acções: entrar-lhes o cérebro e penetrar-lhes a alma; dar-lhes conhecimentos e virtudes; afirmar a verdade e enaltecer o bem [...] É preciso concitar as meninas a que se prezem bastante, para não procurarem por adamanes impróprios e adornos contrafeitos, a sedução *physica* [...]²⁴

das Senhoras com o título "A mulher e o casamento" p. 2.

²³ A VOZ DO SUL, 15/06/1924. Fragmento do artigo publicado na Secção das Senhoras com o título "As moças e seu futuro" p. 2.

²⁴ A VOZ DO SUL, 15/12/1924. Fragmento do artigo publicado na Secção das Senhoras com o título "Excessos Condenáveis" p. 2.

Repudiavam de certa forma a pedagogia da beleza e sua utilização para afirmação pessoal, disseminando outras imagens femininas: "a moça educada no apreço ao trabalho e a elle afeita, capaz de manter-se com independência, exercendo um profissão, nunca será uma escrava ou um fardo social"²⁵. Outros artigos, entretanto, ainda não se descolavam dos discursos quanto ao papel historicamente destinado à mulher como esposa e mãe²⁶ e acrescentavam a estes, aqueles que se esperava da mulher cristã, como está posto nos artigos "Mulher cristã, seus deveres e seus dons", "O ideal da mulher cristã", "O concurso da mulher cristã na evangelização", "A mulher e o Evangelho". Esses artigos apontavam caminhos, responsabilizavam as mulheres, mas também buscavam o reconhecimento desse espaço que estava sendo ocupado por elas. Retomamos aqui a ideia foucaultiana de que toda relação é uma relação de poder, um jogo de forças, que, portanto, supõe uma tensão, nem sempre negativa, mas que precisa ser invocada para desnaturalizar as diferenças.

A jovem redatora-gerente entrou também em confronto com a imprensa católica representada na região pelo jornal *O Monitor*, editado pelo bispado de Ilhéus. Rebatendo alguns posicionamentos, como no caso do artigo "Bibleiro errante", onde o periódico católico fazia ácidas críticas ao trabalho de colportor-evangelista realizado por José Antonio dos Santos, acusando-o de "vender literatura defasada, bolorenta e falsa". Adentrava-se na longa polêmica das bíblias falsas que rendeu vários artigos e alguns editoriais. Outros assuntos foram objetos de discussão, como o comportamento dúbio do clero católico ilheense quanto à Maçonaria, reprovada com veemência e sanções nas páginas do jornal católico, mas sem fazer nenhum reparo à nomeação

²⁵ A VOZ DO SUL, 15/06/1924. Fragmento do artigo publicado na Secção das Senhoras com o título "As moças e seu futuro" p. 2.

²⁶ Essa posição está explicitamente colocada em artigos da Secção das Senhoras intitulados "As Mães", "Heroísmo da Virtude", "Amor Materno", "Mulher Ideal", "Missão da Mulher na Família", entre outros.

do grão-mestre da Loja Regeneração ao cargo de patrono da festa de Nossa Senhora da Vitória. Também quanto aos jogos de azar, reprovado em ampla campanha de *O Monitor*, enquanto o mesmo veículo de comunicação promovia a venda de bilhetes de rifa, conhecido na época como "Tombola"²⁷.

3.3 Guiomar Bittencourt

A terceira Bittencourt, Guiomar, sobrinha de Cecília e irmã de Edith, cujo retorno à região sul baiana foi festejado nas páginas do *A Voz do Sul*, ultrapassou sua tia e irmã no que diz respeito ao grau de instrução conquistado. Concluiu o curso de bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Americano do Rio de Janeiro e o seu perfil se inclinava para ciências exatas e contábeis. Ocupou seguidamente o cargo de tesoureira da *Igreja Evangélica Batista do Pontal de Ilhéus*, na *Convenção Batista Sul Baiana* e no jornal *A Voz do Sul*. Seus relatórios apresentados nas assembleias eram sempre motivos de aplausos pela precisão, justeza e probidade.

À semelhança de sua tia, nunca casou, escreveu alguns artigos, mas sua paixão era ensinar crianças. Criativa, estava sempre aplicando novas estratégias para incentivar seus alunos no estudo da Palavra e as crianças eram o seu alvo nas viagens evangelísticas empreendidas pela "trindade evangélica". Três mulheres jovens, inteligentes, abastadas, que dedicaram suas vidas à propagação do Evangelho, nunca deixaram de atuar, e, por vezes, assumiram a liderança da Sociedade Missionária Mista da sua igreja do Pontal. Arrostraram perigos e desconfortos em lugares considerados na época extremamente insalubres e à frente de auditórios pouco amistosos.

²⁷ Outros debates podem ser acompanhados através das páginas do jornal a VOZ DO SUL, jul/1924, ago, set. e out/1924.

3.4 Antonieta Guimarães Lima

Encontrei Antonieta nas páginas do jornal *A Voz do Sul*, jovem senhora casada com uma filha pequenina, sendo nomeada como professora do Educandário Batista em Macuco²⁸, anexo ao templo da igreja local. Comprometida com o Evangelho, se tornará uma das principais colaboradoras de Edith Bittencourt no seu empreendimento jornalístico. Seus artigos aparecem quase sempre publicados na Seção das Senhoras e estreia como escritora na edição nº 06, datada de 15 de setembro de 1923, com título "Do lar a escola", que defendia a cooperação dos pais e professores para bem educar as crianças.

No mês seguinte, na primeira página de *A Voz do Sul*, sua foto foi estampada e sob o título "Mais uma heroína" se publicava seu depoimento quanto à forma e à situação da educação que se praticava no Brasil nesses primeiros anos de regime republicano. Nesse mesmo número do jornal se publica dois artigos de sua autoria: "O perdão" e "Ignorância" e o ano se encerra para Antonieta com louvações ao discurso proferido por ela durante a Festa Escolar de encerramento das atividades do Educandário Batista de Macuco.

Ocorre uma tragédia que fará Antonieta se afastar da região, mas não das páginas de *A Voz do Sul*. Seu esposo, o capitão Américo Guanaes de Lima, foi barbaramente assassinado, vítima da violência e impunidade reinante nas terras dos coronéis do cacau. Buscando reorganizar sua vida, parte para São Paulo, vai para o Rio de Janeiro e finalmente se fixa em Minas Gerais, mas seus artigos não deixaram de chegar à redação do jornal e, em parte, retratavam as angústias de uma jovem mulher, viúva, com uma filha pequena, em uma sociedade onde as oportunidades de trabalho para mulheres

²⁸ Trata-se do município de Buerarema, na época o arraial de Macuco pertencendo ao município de Itabuna.

eram extremamente escassas. São de sua autoria os artigos: “Deus, pátria e família” (jun/1924), “Vencendo o tentador” (dez/1924), “Interpretando um quadro” (jan/1925), “Rumando a um novo lar” (fev/1925), “O orphan enfermo” (jul/1925), “Saudades” (jan/1926), “No domínio do lar” (mai/1926), “Violetas” (dez/1926), “Reminiscências” (jul/1927) e “No oceano da vida” (out/1927).

3.5 Mais algumas...

Esse estudo, porém, não poderia se encerrar sem colocar em pauta algumas outras mulheres batistas sul baianas, professoras que acudindo ao lema "uma igreja uma escola", dedicaram suas vidas ao ensino, proporcionando a tantas crianças do Sul da Bahia a luz do conhecimento. Quase todas deixaram seus lares, o aconchego dos seus pais, para ministrar nas escolas que foram sendo organizadas junto aos templos batistas da região, a exemplo de Julieta Motta (Macuco) e Adalgisa Araújo, (Córrego Vermelho). Outras, como Edeltrudes Casaes, Eleonore Assis e Olga Casaes, tomaram para si a tarefa de tornar o *A Voz do Sul* conhecido e reconhecido, porque entenderam a missão para qual se destinava, e a visão ligada à valorização do elemento feminino. Há ainda aquelas que se tornaram a voz de suas Igrejas como secretárias correspondentes, a exemplo de Adélia Carvalho (Igreja Batista do Salsa), Luzia Pereira (Igreja Batista de Córrego Vermelho), Hermelina Pereira Ramos (Igreja Batista de Genebra).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bem verdade que as religiões cristãs sempre demonstraram muita resistência em dar visibilidade à atuação feminina nas atividades das igrejas. Pautadas no argumento da “natural” de submissão feminina, afastaram as mulheres

por muito tempo das mais importantes esferas religiosas do poder. Entretanto considero que o poder das mulheres dentro das igrejas é algo real e concreto, os ministérios femininos e as atividades congregacionais ao mesmo tempo em que servem para segregar as mulheres, também desencadeiam formas alternativas de poder institucional, além de apoio emocional e material mútuo encontrados no espaço as vezes denominando de “comunidades de sexos”.

As mulheres batistas sul baianas, representadas pelas Bittencourt e suas companheiras, viram e buscaram ressignificar a realidade em que a cultura patriarcal não permitia sequer o acesso do sexo feminino a um clube literário. Lidando com diversos campos de poder, aproveitaram brechas, tendo em vista a extensão e a urgência da obra (Jo, 4:35), ocuparam lacunas (Is.6:8) e exerceram reconhecido protagonismo em esferas e campos de atuação até então estritamente masculinos. Removeram o véu da invisibilidade que a religião constantemente buscava lhe impor, e, no interior desta, exerceram microrresistências e por vezes subverteram a premissa religiosa da hierarquização de gênero, inventando novos jeitos de existir.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bianca Daéb's Seixas. **Uma história das mulheres batistas soteropolitanas**. Dissertação de mestrado. Salvador – UFBA, 2006.

EBNER, Martin. Dos primórdios até a metade do século II. In: KAUFMANN T., KOTTJE R., MOELLER B. e WOLF H. (orgs). **História Ecumênica da Igreja**. São Paulo: Loyola; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2012.

FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio: Edições Loyola, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

MACEDO, Janete Ruiz de. **A presença Batista no Sul da Bahia (1898-1940)**. Exposição na 92ª Convenção Batista Baiana. Itabuna, 2014.

MESQUITA, Antonio Neves. **História dos Batistas do Brasil de 1907 até 1935**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

PERROT, Michele. **Os Excluídos da História Operários Mulheres Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Mulheres ou os silêncios da História**. São Paulo: EDUSC, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In. **Revista Educação e Realidade**, n. 2, vol. 15, Porto Alegre, 1990.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia**. São Paulo: USP, 1998.

REUTHER, Rosemary, R. **Sexismo e Religião**. (Tradução de Walter Waltmam e Luiz Marcos Sander) São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

TEIXEIRA, Marli G. **Os Batistas na Bahia. 1882-1925**. Salvador: UFBA, 1975.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2000.